

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA



METODOLOGIA DA PESQUISA TEOLÓGICA

Passos, Ferramentas e Estratégias Para a
Realização de Pesquisas Teológicas.



INSTITUTO DE TEOLOGIA
LOGOS

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

METODOLOGIA DA PESQUISA TEOLÓGICA

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-028-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON28

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **METODOLOGIA DA PESQUISA TEOLÓGICA.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 49 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	7
2 - PRELIMINARES	14
2.1. LEVANTAMENTO DA HIPÓTESE DE TRABALHO	14
2.2. PLANO DE TRABALHO	14
2.3. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	15
3 - A PRÁTICA DA PESQUISA	18
3.1. SELECIONANDO AS REFERÊNCIAS	18
3.2. METODOLOGIA DE LEITURA	19
3.3. REUNINDO AS ANOTAÇÕES: UM ESBOÇO PRELIMINAR	19
3.4. REDAÇÃO CIENTÍFICA	20
4 - APRESENTAÇÃO FORMAL	22
4.1. DIAGRAMAÇÃO	22
4.2. FORMATO	22
5 - ESTRUTURA	25
5.1. ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	26
5.2. ELEMENTOS TEXTUAIS	27
5.3. ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS	28
6 - MODELOS PRÉ-TEXTUAIS	31
6.1. FORMATOS E MARGENS	31
6.2. FORMAS DE RESUMO	38
6.3. PAPER	39
6.4. COMUNICAÇÃO	39
6.5. FICHAMENTO	39
7 - MODELO DE PROJETO DE PESQUISA	41
7.1. INTRODUÇÃO	41
7.2. JUSTIFICATIVA	41
7.3. METODOLOGIA	41
7.4. CONCLUSÃO	41
7.5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	42
7.6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA COMENTADA	42
8 - NOTAS E REFLEXÕES SOBRE REDAÇÃO CIENTÍFICA	44
8.1. ÊNFASE	47
8.2. LÍNGUAS ORIGINAIS	48
8.3. PRONOMES REFERENTES A DEUS	48
8.4. LINGUAGEM SUBJETIVA	48
8.5. REFERÊNCIAS BÍBLICAS	48

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA
01**

1 - INTRODUÇÃO

A prática da pesquisa, a habilidade em escrever e a apresentação formal de um trabalho são elementos que apontam para um trabalho árduo por parte daquele que se envolve em projetos dissertativos em qualquer nível. Os tópicos abordados pretendem propiciar uma orientação inicial.

Bem, como veremos, a palavra inicial é PLANEJAMENTO. Mas, antes de iniciar o planejamento é preciso entender que distinções existem entre as diversas nomenclaturas para o trabalho científico. Deseja-se planejar, mas planejar que forma de conhecimento? Dentre um universo muito rico de formas, pode-se ressaltar o conhecimento empírico, e filosófico, o artístico, o religioso e o científico. Cada uma das formas de conhecimento possui uma base de trabalho.

Para o conhecimento empírico, a vivência é a base de trabalho;

Para o conhecimento filosófico, o discurso lógico é a base de trabalho;

Para o conhecimento artístico, a intuição é a base de trabalho;

Para o conhecimento religioso, o dogma é a base de trabalho;

Para o conhecimento científico, a experiência laboratorial (comprovação com fatos) é a base de trabalho.

O método científico utilizado em larga escala atualmente é o hipotético-dedutivo, ou seja, parte-se de uma hipótese de trabalho do geral para o particular. Até bem pouco tempo atrás havia uma forte distinção entre as formas de trabalho: monografia, dissertação e tese. Entretanto, contemporaneamente não há qualquer distinção entre elas.

O que se tem hoje, do ponto de visto metodológico, é a inclusão de corpus maior de trabalho à medida que a graduação acadêmica é galgada e também um maior rigor ao tratar os diversos níveis.

Isso implica que qualquer trabalho exigido em uma disciplina, tanto quanto uma monografia de bacharelado, uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado, seguem o mesmo método hipotético-dedutivo.

A leitura de livros diferenciados sempre teve a capacidade de provocar mudanças significativas e importantes. Após a leitura do livro *A estrutura das revoluções científicas* de Thomas S. Kuhn (1989), começou-se a linear uma nova perspectiva do verdadeiro papel que desempenhamos na nossa vida profissional e como cientistas pesquisadores. Entendeu-se, então, o significado de uma pesquisa na vida de um pesquisador que, dentre

outras coisas, está fazendo ciências, está pensando cientificamente e, portanto, contribuindo de alguma forma para uma mudança na sociedade.

Nesse sentido, compreende-se que Kuhn, em seu livro, procura discutir com profundidade o real significado do que seja ciência, as suas implicações, os seus pressupostos e suas eventuais interferências no mundo. Ao discutir temas controversos, rompe com concepções, para não dizer mitos, arraigadas em nossa memória. Por exemplo, quando discute sobre o fato da não necessidade de um tema de pesquisa ser inédito podendo ser um “braço”, uma nova vertente de uma pesquisa existente. Ou mesmo, uma reflexão atualizada sobre pesquisas já existentes procurando redimensioná-la à luz de novas teorias atualizadas.

Por outro lado, ainda segundo Kuhn, uma nova teoria, por mais restrita que seja o seu campo de atuação, nunca é apenas um mero incremento do que já é conhecido. Seu real desvelamento requer uma revisão da teoria já existente e uma nova reflexão sobre os fatos anteriores envolvidos no processo. Uma pesquisa científica procura promover uma articulação entre os fenômenos e teorias já fornecidas pelo paradigma buscando extrair dos mesmos novas perspectivas e possibilidades. É importante ressaltar que, muitas vezes, um cientista adquire grande reputação não por causa da novidade de suas descobertas, mas pela precisão, segurança e alcance dos métodos que desenvolveram visando à predeterminação de categorias de fatos anteriormente conhecidas.

Um outro aspecto discutido no referido livro é sobre a necessidade do pesquisador, ao empreender-se em um novo desafio, já possuir algumas respostas e muitos outros questionamentos sobre a ciência que está produzindo tais como: “Quais são as entidades fundamentais que compõem o universo? Como interagem estas entidades umas com as outras e com os sentidos? Que questões podem ser legitimamente feitas a respeito de tais entidades e que técnicas podem ser empregadas na busca de soluções?”.

Kuhn discute ainda um fato interessante que é a questão de um pesquisador, ao se envolver em uma nova pesquisa, enfrentar resistências, tanto da comunidade científica à qual pertence como também da sociedade como um todo. Por isso, ao iniciar uma pesquisa, todo pesquisador deve, a priori, considerar todos os paradigmas ou candidatos a paradigmas que eventualmente se apresentarem como sendo relevantes para o seu trabalho, mesmo porque, ao iniciar uma coleta de dados todos os fatos que estão à disposição do pesquisador são relevantes e devem ser considerados. Sobre o paradigma é importante ressaltar o que escreve Kuhn: “Para ser aceita como paradigma, uma teoria deve parecer melhor que suas competidoras, mas não precisa (e de fato isso nunca acontece) explicar todos os fatos com os quais pode ser confrontada”.

Não é raro observarmos alguns paradigmas que foram desenvolvidos com determinada finalidade serem utilizados em outros fenômenos estreitamente

relacionados. Este fenômeno é possível porque uma teoria pode ser aplicada de diversas maneiras e é passível de leituras diferenciadas dependendo do objetivo que se tem em mente e do pesquisador que a está utilizando. Para Kuhn, “uma parte (embora pequena) do trabalho teórico normal consiste simplesmente em usar a teoria existente para prever informações fatuais dotadas de valor intrínseco”.

É importante o reconhecimento do papel desempenhado na pesquisa científica por aquilo que chamo de paradigmas. Considero paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que durante algum tempo, fornecem problemas e soluções moderadas para uma comunidade de praticantes de ciências.

Esses são apenas alguns aspectos desse livro denso e importante na vida de um verdadeiro cientista e, portanto, devemos recorrer a ele sempre, seja em busca de respostas para as muitas perguntas que afligem a mente de um pesquisador, seja para a simples conferência da veracidade de teorias por nós levantadas. Por outro lado, é de extrema importância que tenhamos sempre uma postura crítica sobre as teorias propostas pelos teóricos para que possamos extrair das mesmas o melhor que elas têm a oferecer.

É importante ressaltarmos que um dos objetivos fundamentais de um pesquisador é instar uma mudança na percepção e avaliação de dados familiares, ainda, que cada revolução científica altere a perspectiva histórica da comunidade que a experimenta, então, esta mudança de perspectiva deverá afetar a estrutura das publicações de pesquisa e dos manuais do período pós-revolucionário.

Os cientistas, em vez de procurar as contribuições permanentes de uma ciência mais antiga para nossa perspectiva privilegiada, procuram apresentar a integridade histórica daquela ciência, a partir de sua própria época.

Observe que uma pesquisa eficaz raramente começa antes que uma comunidade científica pense ter adquirido respostas seguras para perguntas como:

- Quais são as entidades fundamentais que compõem o universo?
- Como interagem essas entidades umas com as outras e com os sentidos?
- Que questões podem ser legitimamente feitas a respeito de tais entidades e que técnicas podem ser empregadas na busca de soluções?

Ao menos nas ciências plenamente desenvolvidas, respostas (ou substitutos integrais para as respostas) a questões como essas estão firmemente engastadas na iniciação profissional que prepara e autoriza o estudante para a prática científica. O fato de as respostas poderem ter esse papel auxilia-nos a dar conta tanto da eficiência peculiar da atividade de pesquisa normal, como da direção na qual essa prossegue em qualquer momento considerado.

Os momentos decisivos associados ao desenvolvimento científico, ligados aos nomes de Copérnico, Newton, Lavoisier e Einstein, exibem aquilo que constitui todas as revoluções científicas, pelo menos no que concerne à história das ciências físicas. Cada um deles forçou a comunidade a rejeitar a teoria científica anteriormente aceita em favor de uma outra incompatível com aquela. Como consequência, cada um desses episódios produziu uma alteração nos problemas à disposição do escrutínio científico e nos padrões pelos quais a profissão determina o que deveria ser considerado como um problema ou como uma solução de problema legítimo.

As equações de Maxwell, que afetaram um grupo profissional bem mais reduzido do que as de Einstein foram consideradas tão revolucionária como estas e como tal encontraram resistência. Regularmente, e de maneira apropriada, a invenção de novas teorias evoca a mesma resposta por parte de alguns especialistas que vêm sua área de competência infringida por essas teorias. Para esses homens, a nova teoria implica uma mudança nas regras que governam a prática anterior da ciência normal. Por isso, a nova teoria repercute inevitavelmente sobre muitos trabalhos científicos já concluídos com sucesso.

É por isso que uma nova teoria, por mais particular que seja seu âmbito de aplicação, nunca, ou quase nunca, é um mero incremento ao que já é conhecido. Sua assimilação requer a reconstrução da teoria precedente e a reavaliação dos fatos anteriores. Esse processo intrinsecamente revolucionário raramente é completado por um único homem e nunca de um dia para outro.

O estudo dos paradigmas é o que prepara basicamente o estudante para ser membro da comunidade científica determinada na qual atuará mais tarde. Uma vez que ali o estudante reúne-se a homens que aprenderam as bases de seu campo de estudo a partir dos mesmos modelos concretos, sua prática subsequente raramente irá provocar desacordo declarado sobre pontos fundamentais.

Observemos a História da Óptica Física: os manuais atuais de Física ensinam ao estudante que a luz é composta de fótons, isto é, entidades quânticas-mecânicas que exibem algumas características de ondas e outras de partículas. A pesquisa é realizada de acordo com este ensinamento, ou melhor, de acordo com as características matemáticas mais elaboradas a partir das quais é derivada esta verbalização usual. Contudo, esta caracterização da luz mal tem meio século. Antes de ter sido desenvolvida por Planck, Einstein e outros no começo deste século, os estudos de Física ensinavam que a luz era um movimento ondulatório transversal. Além disso, a teoria ondulatória não foi a primeira das concepções a ser aceita pelos praticantes da ciência óptica. Durante o século XVIII, o paradigma para este campo de estudos foi proporcionado pela Óptica de Newton, a qual ensina que a luz era composta de corpúsculos de matéria. Naquela época, os físicos

procuravam provas da pressão exercida pelas partículas de luz ao colidir com os corpos sólidos, algo que não foi feito pelos primeiros teóricos da concepção ondulatória.

Na ausência de um paradigma ou de algum candidato a paradigma, todos os fatos que possivelmente são pertinentes ao desenvolvimento de determinada ciência têm a probabilidade de parecerem igualmente relevantes. Como consequência disso, as primeiras coletas de fatos se aproximam muito mais de uma atividade ao acaso do que daquelas que o desenvolvimento subsequente da ciência torna familiar. Além disso, na ausência de uma razão para procurar alguma forma de informação mais recôndita, a coleta inicial de fatos é usualmente restrita à riqueza de dados que estão prontamente à nossa disposição.

Nos primeiros estágios do desenvolvimento de qualquer ciência, homens diferentes confrontados com a mesma gama de fenômenos – mas em geral não com os mesmos fenômenos particulares – os descrevem e interpretam de maneiras diversas. É surpreendente (e talvez também único, dada a proporção em que ocorrem) que tais divergências iniciais possam em grande parte desaparecer nas áreas que chamamos ciências.

As divergências realmente desaparecem em grau considerável e então, aparentemente, de uma vez por todas. Além disso, em geral seu desaparecimento é causado pelo triunfo de uma das escolas pré-paradigmáticas, a qual, devido a suas próprias crenças e preconceitos característicos, enfatizam apenas alguma parte especial do conjunto de informações demasiado numeroso e incoativo.

Quando um cientista pode considerar um paradigma como certo, não tem mais necessidade, nos seus trabalhos mais importantes, de tentar construir seu campo de estudos começando pelos primeiros princípios e justificando o uso de cada conceito introduzido. Isso pode ser deixado para os autores de manuais. Mas, dado o manual, o cientista criador pode começar suas pesquisas onde o manual a interrompe e desse modo concentrar-se exclusivamente nos aspectos mais sutis e esotéricos dos fenômenos naturais que preocupam o grupo.

A ciência normal não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômenos; na verdade, aqueles que não se ajustam aos limites do paradigma freqüentemente nem são vistos. Os cientistas também não estão constantemente procurando inventar novas teorias; freqüentemente mostram-se intolerantes com aquelas inventadas por outros. Em vez disso, a pesquisa científica normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias fornecidas pelo paradigma.

Alguns cientistas adquiriram grandes reputações, não por causa da novidade de suas descobertas, mas pela precisão, segurança e alcance dos métodos que desenvolveram visando à predeterminação de categoria de fatos anteriormente conhecida.

A tentativa de demonstrar um acordo entre a natureza e a teoria representa um segundo tipo de trabalho experimental normal que depende do paradigma de uma maneira ainda mais óbvia do que o primeiro tipo mencionado. A existência de um paradigma coloca o problema a ser resolvido. Frequentemente a teoria do paradigma está diretamente implicada no trabalho de concepção de aparelhagem capaz de resolver o problema.

Frequentemente um paradigma que foi desenvolvido para um determinado conjunto de problemas é ambíguo na sua aplicação a outros fenômenos estreitamente relacionados. Nesse caso experiências são necessárias para permitir uma escolha entre modos alternativos de aplicação do paradigma à nova área de interesse.

Coulomb, antes de poder construir seu equipamento e utilizá-lo em medições, teve que empregar a teoria elétrica para determinar como seu equipamento deveria ser construído. Suas medições tiveram como consequência um refinamento daquela teoria. Dito de outra maneira: os homens que conceberam as experiências para distinguir entre as várias teorias do aquecimento por compressão foram geralmente os mesmos que haviam elaborado as versões a serem comparadas. Estavam trabalhando tanto com fatos como com teorias e seus trabalhos produziram não apenas novas informações, mas um paradigma mais preciso, obtido com a eliminação das ambigüidades que haviam sido retidas na versão original que utilizam. Em muitas ciências, a maior parte do trabalho normal é desse tipo.

Talvez a característica mais impressionante dos problemas normais da pesquisa seja seu reduzido interesse em produzir grandes novidades, seja no domínio dos conceitos, seja no dos fenômenos. Algumas vezes, como no caso da medição de um comprimento de onda, tudo é conhecido de antemão, exceto o detalhe mais esotérico.

Estas são algumas considerações gerais sobre o relevante papel de um pesquisador para a sociedade e para a sua vida profissional, além de uma breve discussão sobre a cientificidade da pesquisa e seu papel fundamental na vida de um estudante, seja ele de graduação ou de pós-graduação. Passaremos agora a discutir as etapas metodológicas de um projeto de pesquisa e em seguida os passos fundamentais para a realização de uma pesquisa e sua consequente monografia.



**AULA
02**

2 - PRELIMINARES

A elaboração de um trabalho acadêmico deve ser precedida de um planejamento, o mais detalhado possível, compreendendo as seguintes etapas:

2.1. Levantamento da Hipótese de Trabalho

A hipótese de trabalho se dá, em geral, pela intuição, pela inquirição, pelo desconforto de que tem sido sempre assim, pela curiosidade de “se fosse de outra forma” etc. Entretanto, essa intuição não se dá ao vácuo. Para levantar uma hipótese de trabalho é preciso ter estudado, ter lido o suficiente. O surgimento de uma hipótese não ocorre em “sonhos” sem que haja envolvimento com a matéria, e nem em heurísticas mirabolantes como se alguém fosse dotado de um “gênio” singular. A hipótese de trabalho, resultado de boas leituras, será resposta provisória que se deseje dar a um problema.

A. Exemplo de hipótese de trabalho:

Depois de estar envolvido com textos e mais textos acerca de missões, além de ter se envolvido pessoalmente no assunto, alguém sugere a seguinte hipótese de trabalho: “O envio de missionários para campos estrangeiros reflete mais o modelo de “embaixadas de países” (o institucional é mais importante) do que a abertura de novos campos mediante a pregação do Evangelho” (o Reino é mais importante). A própria hipótese de trabalho conduzirá a uma seleção de corpus de pesquisa.

2.2. Plano de Trabalho

Depois de intuir uma hipótese, depois de muita leitura, questiona-se de que natureza é o fato com que se está trabalhando? Fatos discursivos, lingüísticos, etc? Para auxiliar neste processo, propõe-se que sejam tomadas notas pessoais que dêem conta de algumas atividades: campo de trabalho, tema sugerido, problema levantado, hipótese proposta, corpus de pesquisa e variáveis prováveis do trabalho. Lembrando que o método é hipotético-DEDUTIVO, o modelo proposto pretende partir do mais amplo para o mais particular.

Por exemplo:

- O CAMPO poderia ser: Teologia Histórica;
- O TEMA poderia ser: A influência de Calvino nas missões ao Brasil;
- O PROBLEMA poderia ser: Será que Calvino se preocupou com a questão missionária? Será que foi apenas um teórico da teologia? Será que houve

qualquer ligação entre Calvino e o envio de missionários franceses à antiga Guanabara?

- A HIPÓTESE poderia ser: Calvino não somente se preocupou com o assunto missionário como enviou alguns para o Brasil.
- O CORPUS poderia ser: Cartas de Calvino, artigos etc.
- As VARIÁVEIS poderiam ser: Missões e Calvino, o Brasil e Calvino. Com essas variáveis haveria um trabalho com introdução, dois capítulos e conclusão.

À medida que essa tarefa de reescrever o problema, a hipótese e o tema ocorrerem, trará diversos benefícios. Dentre eles será o de ter o tema do trabalho escolhido e delimitado com muita clareza, precisão e concretude (não deve ser obscuro nem amplo demais). O tema deve trazer uma contribuição, ainda que não totalmente original, para a respectiva área de conhecimento. Perceba que o aspecto do PROBLEMA lida com diversas indagações (e não de dados que pareçam meramente interessantes ou da moda) e a HIPÓTESE destina-se a uma solução temporária (a sua solução) para resolver a questão ou questões levantadas.

2.3. Levantamento Bibliográfico

Para que se tenha uma hipótese de trabalho, para definir bem o tema e preparar o Projeto de Pesquisa (veja Anexo D: Modelo de Projeto de Pesquisa), é necessário verificar a disponibilidade de fontes e fazer algumas leituras básicas e introdutórias, começando pela consulta a um bom dicionário ou enciclopédia do ramo e, em seguida, livros e artigos mais específicos sobre o tema. Desta forma, o estudante estará preparando o seu referencial teórico, ou revisão de literatura, ou bibliografia básica visando um domínio amplo do assunto.

Alguns questionamentos simples podem servir para avaliar a qualidade de uma HIPÓTESE:

- É relevante? (não estaria o tema demasiadamente desgastado, enviesado ou massificado? Qual a sua real contribuição?)
- É verificável? (há bibliografia suficiente disponível na área? Há redundância? O campo está bem delimitado?).
- É refutável? (os pressupostos estão bem explicitados? Há viés na pergunta? Ela admite a negação, crítica e discordância?).

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia